

ULTIMA HORA

29.11.76



Carolina de Jesus
**“Fui roubada
até por
Jorge Amado”**

A reedição, em livro de bolso, de sua obra "Quarto de Despejo", não tira a amargura da ex-favelada Carolina de Jesus. Ela diz que sempre foi roubada — pelos editores e até por Jorge Amado — e garante que a vida de favelado mudou. Para pior. Carolina está na página 9.

CAROLINA

A catadora de papel que venceu a vida

DE JESUS:

Jesus deve ter levado péssima impressão da Humandade

A escritora Carolina Maria de Jesus, autora da frase acima e que consta no seu livro "Provérbios", terá certamente uma semana muito agitada: autógrafos, discursos, visitas a livrarias e bancas de jornais. Tudo porque o seu livro mais famoso, "Quarto de Despejo", acaba de ser reeditado pela Fábris. A tiragem é de 10 mil exemplares.

Tudo bem, não é? Tudo bem, não é? A mulher que desce rápida essa escada em covardia na própria terra nem parece ser uma mulher de 44 anos. Aqui, no bairro do Cipo, que fica além do bairro de Parelheiros, todos a conhecem. Basta perguntar por favor onde fica a casa de dona Carolina e pronto logo as pessoas que vivem nesses dois lugares vão apontar a chácara Vermelha de pois da curva, a estrada de terra, a estrada de terra que desce e vai na estrada de Parelheiros.

Só que quem fosse procurá-la na chácara Vermelha no sábado, isto é, que não vai encontrar a mulher Carolina Maria de Jesus em casa. No mesmo endereço, quem nunca ouviu falar na autora do "Quarto de Despejo" tiveram essa sorte. Assim, resolveram deixar com seu filho mais velho, o João, a programação para esta semana que irá marcar a volta do livro às bancas e livrarias.

Onde estava Carolina Maria de Jesus, a mulher que arrepiou o mundo com suas histórias de favelados, na manhã do último sábado?

Tudo bem, não é? Tudo bem, não é? Quando se olha, minha mãe é... quando se olha, quando põem alguma na cabeça não há nada mudar de fato, por isso volta e meia a mãe se desentendendo, então ela sai de casa e onde vai para... talvez esteja na casa do meu Cipo. Tudo bem, dona Carolina.

Carolina não aceita ainda para descer a escada do bairro que vai dar na casa do seu filho José Carlos, no Cipo. Diz que está acostumada. É uma mulher extremamente agitada, quem a vê assim, com a roupa toda suja de barro não pode acreditar que ela já andou de braço dado com presidentes de nações e "brilhou em salões intelectuais" na década de sessenta.

Quando ela nasceu, a vida era... ela tinha uma capa de um livro. Agora sei que aquilo lá... passava de uma para a outra.

No carro, de volta à chácara Vermelha, Carolina não se mostra absolutamente uma mulher amarga. Uma antiga catadora de lixo que vivia na extinta favela do Canandé e que, aos poucos, anos enquanto passou a escrever um diário onde se lia a sua vida e a vida dos outros favelados. Desvendada pelo jornalista Aurélio Dantas em 1960, logo Carolina viu suas memórias transformadas em livro "Quarto de Despejo". Sucesso em 22 países, o livro permitiu que Carolina e seus três filhos dessem um nível salto do lixo para o luxo.

Gosto muito desse lugar. É tudo gente simples. Gente boa. Todos se conhecem e todos se respeitam. Não quero mais sair daqui do meio da natureza.

Tema de reportagens de páginas e páginas em revistas, internet, e ex-favelada não perdeu tempo abandonando seu barraco e se mudava para uma casa de alvenaria, no bairro de Santina. Essa experiência acabou se transformando em outro livro, "Casa de Alvenaria". A autenticidade do livro anterior não se repetiu na nova publicação. Mas, naquela altura, Carolina já é um fenômeno de domínio público. Viaja muito e inclusive, chegou a representar o Brasil em um encontro cultural no Chile.

Os chilenos me adoravam. Os donos de restaurantes chegavam a pedir por favor para que eu fosse nos estabelecimentos deles. Eu alegrava todo mundo, dançando e cantando as músicas que gravei com os Titulares do Ritmo.

1966 Carolina está amargurada. Se diz roubada por seus editores, enganada por seu descobridor. Reclama de uns certos 6 milhões de cruzeiros sobre os direitos autorais do seu livro, de uma editora estrangeira. O dinheiro aperta. Vende a casa de alvenaria e se esconde na chácara de Parelheiros. Um dia, lá está, nos jornais: a foto de Carolina cantando lixo novamente.

Mãe, isso da senhora voltar a catar lixo novamente foi tudo forjado por alguns jornalistas. A gente não estava mal assim, tinha o dinheiro da prestação da casa de alvenaria, 30 cruzeiros, dava para viver.

Na sala da chácara Vermelha, mãe e filho começam uma pequena discussão.

Carolina diz que não, que não foi ludibriada pelos jornalistas à cata de sensação. Mas ela não nega?

Voltei a catar lixo, sim. Escondido de vocês três, meus filhos. Procurava esconder o rosto, mas me descobriram. Não foi nada forjado.

Mas se alguém insiste em perguntar como é que foi acabar o dinheiro, Carolina fica confusa.

Não sei como foi perder aquele dinheiro... falar em dinheiro é uma confusão tão grande... quem trabalha com dinheiro, sabe lá o que dizer disso tudo.



"Tudo é fraco, desnutrido". Conclusão da ex-favelada, em visita à Ordem e progresso

Carolina Maria de Jesus, a autora do livro "Quarto de Despejo", está em visita à Ordem e Progresso, uma instituição de caridade que atende a população de baixa renda. Ela expressa sua frustração com a situação econômica e social, afirmando que tudo é fraco e desnutrido. Ela menciona que a situação não mudou desde o tempo em que vivia na favela, e que ela se sente enganada por aqueles que se aproveitam de sua história para obter lucro. Ela também menciona que ela não quer mais sair de casa e se mudar para uma casa de alvenaria, pois ela se sente confortável e segura no seu ambiente atual. Ela também menciona que ela não quer mais ser fotografada e que ela não quer mais ser conhecida. Ela menciona que ela não quer mais ser conhecida e que ela não quer mais ser conhecida. Ela menciona que ela não quer mais ser conhecida e que ela não quer mais ser conhecida.

Estou aqui em Parelheiros há 13 anos. Aqui o povo é bonzinho. Vivo longe daquela ebulção de São Paulo. Por isso é que não quero sair. Tô velha pra isso. Quando eu não quero ser conhecida é só tirar o lenço da cabeça e me pantear. Alguém diz: lá vai a Carolina. Ninguém me conhece. Se eu deixei esse moço me fotografar sem o lenço como é que eu faço depois pra não ser conhecida? A fome é de amargar. A gente vê tudo amarelo. É duro nascer e não poder comer. Já chegaram a dizer que, certa vez, uma rainha da Europa tinha mandado tanto dinheiro pra mim que dava pra comprar melado do Estado do Mato Grosso. Já pensou, eu dona da metade do Mato Grosso? Eu acho que o negro no Brasil não é renegado, não. Até que ele é bem tratado. Nunca me impediram de entrar nos restaurantes elegantes. Mas sabe por que? Porque eu estava acompanhada de vocês, jornalistas. Jornalistas é uma vantagem: joga tudo fora. Reportagem de Zé Paulo Borges